

## **O ideário pedagógico do Colégio Tomás Ribeiro (1938-1976)**

A iniciativa da fundação dum Colégio na vila, hoje cidade, de Tondela, no coração da Beira Alta, ficou a dever-se a Luciano Ferreira de Carvalho e, como esta tarefa «seria de mais para um só», teve como colaboradores José Ferreira Loff e o professor Manuel Coimbra.

Na mesma época, o professor Manuel Coimbra já diligenciava no sentido de fundar um Colégio de modo a beneficiar Tondela e, desse modo, contribuir para o desenvolvimento do Concelho. Pretendia um Colégio «talhado na orientação nova do Estado Novo, com a cooperação de todas as forças vivas do Concelho». Como o plano que idealizara viria a ser prejudicado pela iniciativa de Luciano de Carvalho aceitou colaborar com este, não como sócio proprietário para o qual fora convidado mas, apenas, como professor.

O Colégio teve, inicialmente, como patrono Grão Vasco mas, já nos finais de 1937, passou a designar-se por Colégio Tomaz Ribeiro em memória dum filho ilustre do Concelho «que deixou bem vincada a sua passagem no mundo das letras e da política».

A abertura do Colégio processou-se a 7 de Outubro de 1937 e a sua inauguração oficial a 10 do mesmo mês.

Passados poucos anos, mais precisamente no ano lectivo de 1939-1940, assumiu a direcção do Colégio o Professor Mário Tavares Mendes vindo do Colégio de Oliveira do Hospital, onde leccionava há 14 anos ininterruptos, uma vez que a Esposa de Luciano de Carvalho, D.<sup>a</sup> Judith Jales de Carvalho iniciava, nesse ano, funções pedagógicas num Liceu de Lisboa e a legislação, então vigente, a

impedia, assim como ao marido, de desempenhar funções directivas em qualquer estabelecimento de ensino particular.

Durante o período em que exerceu a sua acção no Colégio, o Director Mário Mendes, procurou que o seu lema educativo – «Procurar que os seus alunos, de quem pretende fazer homens e não autómatos, saiam aptos para a vida» – tivesse uma execução integral.

Nos finais do ano lectivo de 1945-1946 o Professor Teófilo da Cruz, então proprietário e Director do Colégio Nacional, na Anadia, adquire o Colégio Tomaz Ribeiro e, a partir do ano lectivo de 1946-1947, assume a sua direcção pedagógica até ao seu encerramento no final do ano lectivo 1975-1976, embora a partir do ano lectivo de 1973-74, por motivos de saúde, assumia também a direcção seu filho Dr. António Manuel Tenreiro da Cruz.

Em Maio de 1947 podia ler-se na Imprensa Local: «Acaba de adquirir por compra as instalações do Colégio Tomás Ribeiro, o Dr. Teófilo da Cruz (...). A formação integral – intelectual, física e moral – dos seus educandos é a finalidade de quem dirige actualmente o Colégio de Tondela visando a preparação de homens para a vida, como convém, e não somente de alunos para exame (...). A sua aquisição por pessoa inteligente, empreendedora e dotada de vontade firme, como é o seu Director, assegura-nos a continuidade duma obra que é para nós, Tondelenses, motivo de legítimo orgulho»<sup>1</sup>.

Duas convicções enquadram a personalidade do Director do Colégio Tomás Ribeiro – Teófilo da Cruz – e que influenciaram profundamente o seu conceito de educação – *a consciência de que tudo procede de Deus* e de que a sua vocação como professor e director era um chamamento de Deus – *ecce ego, quia vocasti me*, aqui me tens porque me chamaste. Este sentido profundo da sua vocação dominou toda a sua vida – uma entrega total e plena ao amor e à vontade de Deus.

Os princípios educativos desenvolvidos no Colégio Tomás Ribeiro continham um profundo sentido religioso – o considerar o homem na plenitude do seu ser e dos objectivos a alcançar, em conformidade com o sentido cristão da vida.

A este respeito escreveu Teófilo da Cruz:

---

<sup>1</sup> Jornal *A Folha de Tondela*, n.º 1171, de 11 de Maio de 1947.

«Educar é uma actuação extraordinária, é uma acção coooperadora de Deus que exige, antes de mais nada, a conquista da confiança do educando. Deus para conseguir o homem fez-se homem. O educador para conquistar o educando não se afastará dele, não será o director inefável, não será o homem escondido que só pode ser visto no «sancta sanctorum» do seu gabinete. Será, sim, o companheiro que participará das necessidades, das alegrias e das tristezas do jovem, que brincará com ele, se preciso fôr, que se sentará com ele à mesa das refeições, conversando sobre as suas coisas, sobre as suas predilecções, sobre os seus interesses, sobre os seus êxitos, e suavizando a dor proveniente das suas defecções e encorajando-o a renovar a luta para a conquista que o espera.

Conquistada a confiança do jovem, está facilitada a obra educativa, pois ele será alma aberta ao seu superior, permitindo-lhe que o conheça; e a acção educativa não se faz sem o conhecimento, o mais perfeito possível, da natureza do educando. E esta só pode ser conhecida em ambiente de confiança.

E acrescenta: O Educador que procede assim verá facilitada a sua missão»<sup>2</sup>.

A educação visava, assim, promover, na ordem natural, o desenvolvimento integral da personalidade do aluno de modo que venha a ser capaz de exercer a sua liberdade, dum modo pleno e responsável, após realizar com competência a sua actividade como estudante e, na ordem sobrenatural, dar a conhecer aos seus alunos Deus, ensinar a amá-Lo descobrindo a Sua transcendência.

Os princípios educativos desenvolvidos no Colégio tinham em vista, assim, a formação de autênticos cristãos capazes de enfrentar com espírito aberto todas as agruras e dificuldades da vida, de contribuir para a solução dos grandes problemas da vida e de serem um exemplo vivo de Cristo.

Na sua acção educativa o Director do Colégio utilizava os mais variados meios de comunicação: diálogo com os alunos no seu gabinete, direcção espiritual dos alunos a seu cargo e dos diferentes sacerdotes que leccionavam no Colégio, palestras realizadas na Capela, retiro anual e Missa Dominical.

Da formação moral faziam parte as palestras de civilidade feitas pelo Director todas as Quartas-Feiras, em duas sessões, uma

---

<sup>2</sup> Nostra Lux, Revista de Cultura e Difusão, Tondela, Ano III, n.º 9-10, Julho-Dezembro, 1960, pág.6.

aos alunos mais novos e a outra aos alunos mais velhos e que, posteriormente, passaram a realizar-se às Quartas-Feiras para os alunos mais jovens e aos Sábados para os mais velhos.

O Director não obstante as palestras que fazia, todas as semanas, procurava dialogar com cada aluno para o orientar moral e intelectualmente, sendo, muitas vezes, os próprios alunos que livremente procuravam o amparo do Director «que estava sempre pronto a ajudar os jovens nas dificuldades que se lhes deparam na vida».

Os alunos internos tinham a seguir às orações da manhã (cerca de 5 minutos), uma palestra de 5 a 7 minutos em que o Director deixava aos alunos um pensamento que os orientaria nas tarefas escolares diárias.

À noite, antes do deitar, havia na Capela do Colégio, um breve exame sobre o que o aluno fizera durante o dia. Era, geralmente, um representante do Director e, às vezes, o próprio Director quem fazia as perguntas, ouvindo cada aluno a resposta da sua consciência.

«Uma das perguntas sacramentais era esta: *Mereci hoje os sacrificios dos meus pais e dos meus professores?*»

Estes pensamentos acompanham os alunos enquanto se deitam, por isso o deitar era em silêncio, como o era o levantar, para que tomassem conta de si mesmos, pois, a dissipação era inimiga da formação.

No ideário pedagógico do Colégio é, assim, nítida a influência do pensamento pedagógico de D. Bosco. Senão vejamos: «Dois modelos se praticam em educação. O primeiro consiste em fazer conhecer as leis e depois, em vigiar rigorosamente a fim de descobrir os transgressores, infligindo-lhes o castigo merecido (...). O segundo tem por fim dar a conhecer as prescrições e o regulamento da casa. A vigilância exerce-se de tal sorte que os alunos estejam continuamente sob o olhar vigilante do director e seus ajudantes. Estes falam ao educando como pais, cheios de ternura, dirigem-nos em todas as ocasiões, dão-lhes conselhos, corrigem-nos com amor, numa palavra, põem os alunos na impossibilidade de cometer falta alguma.

É um sistema fundamentado todo na razão, na amizade e na religião (...). exclui todo o castigo violento (...).

A razão e a piedade são os únicos meios de que o educador deve lançar mão. Ensinando os seus alunos, terá de se acomodar à sua linguagem, se quer ser obedecido e atingir o seu fim, deverá na vida

prática, deixar-se penetrar da importância da sua missão. É necessário que o Director se consagre inteiramente àqueles cuja educação lhe foi confiada. Recusa, portanto, qualquer ocupação que o afaste deles. Desta sorte, encontrar-se-á sempre em companhia dos seus alunos, toda a vez que outra ocupação estranha os não chame a outra parte ou estejam sob a vigilância dos prefeitos (...).

A ginástica, a música, a declamação, as representações teatrais, o passeio são meios efficacíssimos par obter disciplina, favorecer a moralidade e a saúde (...). A confissão e a comunhão frequentes, a Missa de cada dia são os esteios duma casa de educação, donde sejam banidos os castigos e as ameaças. Os alunos não devem ser obrigados, mas somente aconselhados, à prática frequente dos Sacramentos; para isso dêem-se-lhes todas as facilidades. Use-se da mais severa vigilância, para que nas casas jamais tenham entrada livros imorais ou pessoas que sustentem conversas indecentes. À noite, depois das orações, e antes que os alunos subam ao dormitório, o Director ou o seu substituto, dirigir-lhes-á, algumas palavras afectuosas, um aviso, um conselho sobre o que deve cada um fazer ou evitar. Esses ensinamentos podem ser tirados dos acontecimentos do dia, dentro ou fora da casa. Em todo o caso, essa alocação, não deve exceder dois ou três minutos»<sup>3</sup>.

A realidade espiritual era assim permanentemente vivida uma vez que um dos objectivos educativos era «procurar desenvolver nos seus alunos o temor a Deus, o amor da Pátria e da Família que são afinal os temas do seu emblema e do seu hino oficial»<sup>4</sup>.

O Hino do Colégio era o seguinte:

Já desponta no Céu a manhã  
Mocidade, pr' á frente, lutar  
Esta vida é de luta, é de afã  
Não podemos na vida parar.

Não queremos o mal mas a virtude,  
Só por bem, por amor lutaremos;  
Sempre em frente, ó leal juventude  
Sempre em frente que assim venceremos.

<sup>3</sup> L. BRECK, *Les idées pédagogiques de D. Bosco, Paris, s/d.*, págs. 44-47.

<sup>4</sup> *Nostra Lux*, Revista de Cultura e Difusão, Tondela, Ano I, n.º 1, Janeiro-Março, 1957, pág. 7.

«Pela Pátria, por Deus, pela Família»  
 Nosso lema é um sagrado fanal,  
 Pois nos guiam exemplos eternos  
 Dos heróis que fizeram Portugal.

Falar da Pátria era fazer a apologia dos valores nacionais, aqueles que o Estado identificava com os usos e costumes ancestrais do povo português, e que o levou a criar uma galeria de santos e heróis à volta dos quais se registava um grande fervor patriótico e que conduzia à exaltação dos feitos gloriosos dos portugueses, nomeadamente, na sua gesta colonizadora e evangelizadora<sup>5</sup>.

Os heróis ou os santos serviam para fazer compreender aos jovens que, sendo eles da mesma natureza e objecto das mesmas fraquezas, delas se podem libertar como se libertaram os santos e os heróis, porque todos somos chamados à perfeição. «*Sêde perfeitos como o vosso Pai celestial é perfeito*», diz Jesus Cristo.

Existia, ainda, no Colégio um «Quadro de Honra» onde eram inscritos, no fim de cada período, os alunos que atingissem as classificações iguais ou superiores a 14 valores no aproveitamento escolar e o mínimo de Bom em comportamento. Nos termos deste ideário o comportamento abrangia o cumprimento dos deveres gerais de católico, a compostura e a disciplina nas aulas e nas actividades da vida colegial, a correcção de atitudes, a pontualidade, a lealdade, a sinceridade, o esforço no domínio dos impulsos, a diligência no cumprimento dos deveres, a boa vontade, o zelo no cumprimento das indicações da direcção do Colégio, dos professores e dos responsáveis pela disciplina, o cuidado, o interesse na realização das actividades escolares e da vida colegial, a ordem, a limpeza, o arranjo e apresentação nos trabalhos escolares e na acti-

---

<sup>5</sup> Num discurso proferido em 26 de Maio de 1936, na cidade de Braga, no 10.º aniversário do Movimento do 28 de Maio, Salazar afirmava: «Não discutimos Deus e a virtude; não discutimos a Pátria e a sua História; não discutimos a autoridade e o seu prestígio; não discutimos a Família e a sua moral; não discutimos a glória do trabalho e o seu dever» (SALAZAR, *Discursos e Notas Políticas*, vol. II, 1935-37, 2.º ed., Coimbra Editora, 1946, pág. 130).

Estas afirmações de Salazar são claras quanto aos valores que deveriam orientar e formar a sociedade portuguesa donde a trilogia da educação nacional – Deus, Pátria e Família – fundamento duma educação eminentemente nacionalista e católica. Privilegiava-se a formação sobre a instrução, a escola deixaria de ser um local de ensino para ser, preferencialmente, um centro e um instrumento de doutrinação.

vidade colegial e, ainda, o espírito de cooperação e ajuda nas diferentes actividades da vida escolar.

Os alunos do «Quadro de Honra» tinham o direito a ser admitidos, como membros efectivos, na corporação escolar – «A Ínclita Geração» – criada para os estimular nas suas actividades escolares e que deveriam escolher os Príncipes de Aviz como modelos de patriotismo, de virtude e de trabalho.

Visando, ainda, «estimular a aplicação ao estudo e recompensar o Bom comportamento» a Direcção do Colégio instituiu três prémios anuais a serem distribuídos na «Festa da Casa»: Prémios D. Bosco, Nuno Álvares Pereira e Padre Américo.

Por outro lado, o Director do Colégio, Dr. Teófilo da Cruz, considerava o espírito de família como o meio de educação por excelência. Quando um colégio se assemelha, o mais possível à família, torna-se o ambiente ideal de educação, porque existe nele o vínculo interno da caridade. Os alunos sentem-se como na sua casa e estimam as pessoas e as coisas como próprias. Existe aquela intimidade e compenetração compreensiva de que os adolescentes necessitam para a sua formação. Neste espírito dá-se a expansão das máximas possibilidades pessoais, conjugada com a vigência plena da norma e do dever.

Educar assim é encaminhar estimulando, é orientar sem ferir, respeitando as fontes de energia pessoal. A pedagogia do espírito de família baseia-se na intimidade, no amor e na alegria.

É, ainda de assinalar, a publicação da *Revista Nostra Lux*, cujo primeiro número saiu em 1957.

No artigo de apresentação encontramos os objectivos que presidiram à sua elaboração.

«Ela (a Revista) será a *Luz Viva* a indicar o caminho aos novos e a lembrá-lo aos velhos estudantes. Será a mestra da verdade. Será a nossa vida. Será ela a tribuna donde continuarão a ensinar os professores desta casa de educação. Será a árvore onde virão poisar os jovens estudantes nos seus voos de ensaios literários e científicos. Será o mensageiro que levará aos lares das famílias dos estudantes um pouco da vida dos seus filhos, aos lares dos amigos, velhos estudantes da casa, o calor do ninho materno onde aprenderam a dar os primeiros passos no caminho árduo da vida, e a todos os bons amigos e assinantes o prazer da boa e sã leitura»<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Ver nota (4).

O ideal educativo está, ainda, patente no símbolo que a Revista traz na sua capa:

«Trás na frente a cruz que ilumina e lhe dá vida, e o símbolo da Pátria que lhe serviu de berço. Nasceu para servir a Cruz e a Pátria com o terno amor de criança. E com espírito de criança quer ficar, para que sempre possa amar e servir a Deus e à Pátria sem os cálculos interesseiros que a idade madura dá aos homens»<sup>7</sup>.

O Director procurava, ainda, incutir e desenvolver nos alunos as virtudes da sinceridade, da verdade, da naturalidade, da confiança, da lealdade e do optimismo.

Educar em verdade e amizade era evitar a reserva mental, a hipocrisia, o ocultar de qualquer argumento, o desenvolver no espírito dos alunos o saber compreender, o saber desculpar e o saber perdoar.

Um outro aspecto particularmente interessante no ideário educativo do Colégio era o do valor do *silêncio* e o papel que desempenha na formação da personalidade dos alunos – uma vez que é pela reflexão que o homem toma consciência de si mesmo, é no pensar que o homem conhece que existe. No bulício do cotidiano o homem não dá conta de si, esquece-se de que existe, para viver só das sensações que lhe vêm do mundo exterior, mas este viver, cansa-o.

A leitura do «Regulamento» do Colégio é elucidativa a este respeito. Senão Vejamos:

Art.º 7.º – «Todos os alunos são obrigados a cumprir os deveres gerais de católico, assistir à missa, às orações em comum e a outros actos do culto».

único – «Na capela o respeito e o silêncio devem ser absolutos».

Art.º 21.º – «Dado o sinal para as aulas os alunos dirigir-se-ão imediatamente para os seus lugares, aguardando em silêncio a chegada do Professor».

Art.º 27.º – «Os estudos são feitos sempre em salas próprias. Durante os estudos devem os alunos observar silêncio absoluto sendo proibido tudo o que possa perturbar o estudo (...)».

Art.º 32.º – «Dado o sinal de terminar o estudo, os alunos guardarão os livros e material escolar, esperando a indicação da saída, que será feita em boa ordem e silêncio».

Art.º 40.º – «A entrada e saída do refeitório deve ser feita em silêncio. À entrada cada aluno, irá colocar-se junto do seu lugar,

---

<sup>7</sup> Ver nota (4).

conservando-se de pé e em silêncio até que seja dado o sinal para o início da refeição».

Art.º 45 – «Os alunos logo que estejam lavados e vestidos esperam junto das suas camas a ordem de saída, dirigindo-se em silêncio para a Capela, onde farão as orações da manhã».

Art.º 46.º – «Os alunos não podem falar ao deitar e ao levantar; é obrigatório o silêncio rigoroso nos dormitórios. Este silêncio serve para que cada um pense e continue o seu exame de consciência».

Assim, o homem ao procurar alcançar a felicidade terá de recolher-se na reflexão, realizar, um pouco, a análise de si próprio procurando conhecer-se para vencer os seus defeitos e desenvolver as suas virtudes, para assim encontrar a felicidade por que ambiciona<sup>8</sup>.

Na acção educativa desempenhou, também, papel preponderante a Esposa do Director – «é o seu braço direito no andamento desta casa. Não se compreende um colégio com internato sem nele haver um coração de mãe que se abeire daqueles que têm as mães distantes»<sup>9</sup>.

*O Dia da Mãe* mereceu, por isso, sempre dos alunos do Colégio uma recordação muito especial homenageando a Esposa do Director com manifestações de júbilo e de agradecimento pelo carinho maternal com que tratava a todos.

No ideário do Colégio constata-se que a sua direcção seguia a linha pedagógica de D. Bosco e, por outro, se mantinha fiel aos princípios da educação nacionalista, salientando que a juventude necessitava de crenças enraizadas que a orientassem na vida sem lhes fazer perder o espírito irrequieto e combativo e a capacidade de iniciativa e dinamismo que definiam esta fase da vida.

A formação religiosa seria, assim, a base imprescindível da vida moral e social. A Pátria, a Honra, o Dever, a Família seriam nobres ideais que despojados do valor cristão perderiam grande parte do seu valor e do seu poder de atracção correndo o risco de se tornarem palavras ocas ou sonhos quiméricos sem qualquer influência no espírito dos jovens.

---

<sup>8</sup> TEÓFILO DA CRUZ, «O silêncio na formação da nossa personalidade», in *Nostra Lux*, Revista de Cultura e Difusão, Tondela, Ano III, n.º 9-10, Julho-Dezembro, 1960, págs. 13-15.

<sup>9</sup> JOSÉ PEREIRA DA FONSECA, «O nosso Colégio», in *Nostra Lux*, Revista de Cultura e Difusão, Tondela, Ano I, n.º 1, Janeiro-Março, 1957, pág. 7.

## BIBLIOGRAFIA

- BOSCO, San Juan, *El joven cristiano instruido en sus deberes y en los ejercicios de la piedad cristiana*, Barcelona, 1958.
- BRAIDO, P., *Il sistema preventivo di Don Bosco*, Zurich, 1964.
- BRECK, L., *Les idées pédagogiques de D. Bosco*, Paris, s/d.
- CARRASCO, García, *La política docente. Estudio a la luz del Vaticano II*, B.A.C., Madrid, 1969.
- CRUZ, Manuel Braga da, «O Integralismo Lusitano nas origens do Salazarismo», in *Análise Social, III Série, vol. XVIII, 1982*.
- *O Partido e o Estado no Salazarismo*, Ed. Presença, Lisboa, 1988.
- FIERRO, *El sistema educativo de Don Bosco en las pedagogías general y especiales*, Madrid, 1953.
- Folha de Tondela*, Jornal: Ano de 1907, n.º. 78.
- Ano de 1937, n.ºs 685, 692, 693, 694, 695.
- Ano de 1938, n.ºs 705 e 782.
- Ano de 1940, n.º. 833.
- Ano de 1941, n.ºs 787, 886, 887 e 893.
- Ano de 1942, n.º. 934.
- Ano de 1943, n.º. 989.
- Ano de 1945, n.º. 1065.
- Ano de 1946, n.ºs 1141, 1149, 1150, 1151.
- Ano de 1947, n.ºs 1155, 1156, 1157, 1171, 1120.
- Ano de 1952, n.º. 1445.
- Ano de 1953, n.º. 1493.
- Ano de 1954, n.º. 1545.
- Ano de 1955, n.ºs. 1578, 1590.
- Ano de 1956, n.ºs. 1626, 1642, 1650.
- Ano de 1957, n.ºs. 1671, 1672, 1677, 1679, 1701.
- Ano de 1960, n.º. 1830.
- Ano de 1985, n.ºs. 449, 452, 453, 454, 455, 457.
- MARTINHO, António Manuel Matoso, *O Colégio Tomás Ribeiro – 1937/76*, Ed. da Câmara Municipal de Tondela, 1999.
- MÓNICA, Maria Filomena, *Educação e Sociedade no Portugal de Salazar*, Ed. Presença/Gabinete de Investigações Sociais, Porto, 1978.
- Nostra Lux*, Revista de Cultura e Difusão, Tondela,
- Ano de 1957, n.ºs. 1, 2, 3.
- Ano de 1957-58, n.ºs. 4, 5.
- Ano de 1958, n.ºs. 5, 6.

Ano de 1960, n.<sup>os</sup>. 9, 10.

Ano de 1961, n.<sup>o</sup>. 11.

Ano de 1962, n.<sup>os</sup>. 12, 13, 14.

Ano de 1963, n.<sup>os</sup>. 15, 16, 17.

Ano de 1964, n.<sup>o</sup>. 18, 19, 20, 21.

Ano de 1965, n.<sup>o</sup>. 22, 23, 24.

Ano de 1966, n.<sup>os</sup>. 25, 26, 27.

Ano de 1967, n.<sup>os</sup>. 28, 29.

Ano de 1968, n.<sup>os</sup>. 30, 31, 32.

Ano de 1969, n.<sup>os</sup>. 33, 34, 35.

Ano de 1970, n.<sup>o</sup>. 36.

*Notícias de Tondela*, Jornal, Ano de 1985, n.<sup>os</sup>. 388, 392.

TORGAL, Luís Reis, *História e Ideologia*, Coimbra, 1989.

PUJOL, Juan Canals, e AZCONA, Antonio Martinez, *San Juan Bosco – Obras fundamentales*, Biblioteca de Autores Cristanos, Madrid, 1995.

ANTÓNIO MANUEL MATOSO MARTINHO